

2



Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Faculdade Integradas de Taquara Curso de História

Equipe técnica de pesquisa

Prof. Dr. Dalva Reinheimer

Prof. Me. Jefferson Luciano Zuch

Acadêmicos do Curso de História:

Alex Juarez Muller

Joice Scheila Caloni

Silvio Silmar Peters

Auxiliares de Pesquisa:

Acadêmicos do Curso de História: Caroline dos Santos
Douglas dos Santos

Coordenação: Dalva Reinheimer

Taquara, janeiro de 2010

PATRIMÔNIO E PRESERVAÇÃO

A preocupação com a memória e o patrimônio histórico-cultural vem ganhando espaço no processo de contribuir para o fortalecimento de identidades e memórias. Entendemos aqui o patrimônio como o lugar de fazeres sociais, espaço privilegiado de conflitos e de constituição de memórias coletivas. Esse patrimônio é possuidor de múltiplas falas e experiências e, assim, não pertence a um grupo exclusivo, mas ao conjunto da sociedade. Daí a importância da ampliação da noção de preservação, possibilitando que o patrimônio seja apropriado materialmente por diversos grupos, que lhe darão usos, possibilitando que outros grupos que não as instituições hegemônicas preservem suas identidades e poderes a partir da identificação de patrimônios próprios. O Patrimônio Cultural como herança de várias gerações, como acervo que carrega consigo a história da civilização humana, sua memória e identidade, deve ser preservada pela manifestação da consciência da população.

A identidade cultural de uma população faz-se, também, através da preservação do Patrimônio Histórico. Esse patrimônio deve ser visto como um grande acervo, que é o registro de acontecimentos e fases da história de uma cidade.

O patrimônio cultural ao qual está interligada nossa sociedade não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas, na sua concepção contemporânea, estende-se a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis.

Por esse motivo, é possível realizar uma das mais importantes distinções que se pode fazer com relação ao Patrimônio Cultural, pois, sendo ele diferente das outras modalidades da cultura restritas apenas ao mercado cultural, apresenta interfaces significativas com outros importantes segmentos da economia, como a construção civil e o turismo, ampliando exponencialmente o potencial de investimentos.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO EM CIDADES

A cidade pode ser entendida como uma megaorganização, um conjunto de várias organizações reais ou virtuais, concretas e simbólicas, simples e complexas, transitórias e permanentes, singulares e diversas. Organizações que se relacionam entre si, estabelecem redes de aliança ou de rejeição, dependendo dos valores de referência, dos objetivos, da situação e dos momentos vivenciados. A temporalidade é um problema central em toda organização e em toda cultura. Na verdade, as organizações não vivem, todas, num mesmo espaço, num mesmo ritmo, tendo o mesmo tipo de relação com a temporalidade e a historicidade.

Os núcleos urbanos preservados são cidades como todas as outras, complexas, dinâmicas, simbólicas. Reduzi-los a objetos estanques, a "obras de arte", constitui, hoje, um equívoco que pode acabar por matar os próprios valores a serem preservados.

As cidades preservadas, entendidas como organizações constituídas por outras tantas organizações, possuem um todo maior que a soma de suas partes, ou seja, a noção de tempo é ampliada. Assim, para garantir a adequabilidade das intervenções físico-espaciais, há que se considerar o tecido urbano como uma rede, refletindo a historicidade e a dinâmica urbana atual.

A sensibilização das lideranças locais sobre o papel a cumprir frente à população local e externa é fundamental para que objetivem realmente promover essas cidades como polos de cultura, referenciais da

Justificativa e relevância

história. Faz-se necessário, ainda, que trabalhem para que a população resgate o gosto pelo lugar e o entendimento do referencial que é guardado na cidade.

O processo de planejamento urbano deve ser integrado, considerando-se a preservação cultural, a qualidade ambiental urbana e o suprimento das demais necessidades essenciais da população: saneamento, serviços e equipamentos públicos.

A cidade de Taquara

Entendendo que a cidade de Taquara possui elementos para se afirmar como o polo de cultura e referencial da história da região, propomos (lá em cima, na 1ª pg, na segunda frase, usou-se o nós)_ o Inventário do Patrimônio Histórico e Arquitetônico a partir dos seguintes pressupostos:

Esquema da evolução histórica do município de Taquara

1- Antecedentes: 1850- 1889 Fatores que contribuíram:

- A Colonização Alemã e o desenvolvimento agrícola
- A estratégica localização de Taquara no espaço do Rio Grande do Sul no período

2- O momento histórico: 1889- 1900 Primeiras consequências:

- Emancipação Política e sede do município
- Administração de Diniz Rangel – urbanismo
- Estrada de ferro- Hamburgo Velho – Taquara em 1903
- Ramal Canela 1910
- Destaque na produção agrícola e agromanufatura – feijão, mandioca (farinha) e arroz para exportação.

3-Taquara como Polo regional: 1920-1940

- Desenvolvimento comercial
- O urbanismo da sede supera o desenvolvimento rural e dos distritos
- Residências
- Estabelecimentos comerciais
- Estabelecimentos bancários
- Sociedades / Clubes
- Casas de saúde e hospitais

A primeira fase da economia de imigração alemã caracterizou-se pela agricultura. Tanto que as colônias eram chamadas de colônias agrícolas. A agricultura foi o sustentáculo da família e, por consequência, garantiu o desenvolvimento econômico da região, pois a agricultura familiar gerou excedentes para a comercialização. Notadamente, surgem as pequenas propriedades rurais com a seguinte composição: casa de moradia, galpão, horta, lavoura, estrebaria, galinheiro e pocilga. O abastecimento de água dava-se através de nascentes,

Justificativa e relevância

facilmente encontradas nas encostas dos morros. Esse tipo de propriedade iniciou a partir da década de 1850 e continuou paralelamente ao urbanismo, mas tendeu a desaparecer nas vias centrais onde os lotes eram menores. Após suprir suas necessidades de sobrevivência, os colonos dedicaram-se às suas tradições associativistas, como a escola, a igreja e o canto coral, que deu origem às Sociedades. Os bens arquitetônicos dessa fase encontram-se atualmente apenas nas localidades do interior.

A segunda fase e a terceira fase correspondem ao urbanismo e estão ligadas ao período histórico do Brasil e, de forma mais direta, ao panorama político do Rio Grande do Sul no período. O desenvolvimento econômico do município de Taquara, favorecido pelas condições históricas da colonização por imigrantes alemães e pelas condições de escoamento da produção agrícola, serviu de base para essas fases.

O período entre os anos de 1900 e 1940 foi, sob o ponto de vista do desenvolvimento econômico, o mais profícuo da cidade de Taquara. Historicamente, o período foi marcado pelos ideais republicanos que se espalharam pelo Brasil e incentivavam o urbanismo, juntamente com as atividades econômicas secundárias (comércio e indústria), associadas à centralização de poder político. No Rio Grande do Sul, esses aspectos ocorreram de forma ainda mais intensa.

Se lançarmos um olhar retrospectivo aos primeiros anos do século XX, temos que Taquara, em 1915, foi uma das cidades de maior movimento comercial das que se avizinhavam da capital, concorrendo com municípios como São Leopoldo e Novo Hamburgo. O fato é facilmente explicável, já que centralizava o comércio de locais que hoje são cidades e outrora eram vilas. Politicamente, a cidade alcançava igualmente destaque no estado. Uma das figuras exponenciais dessa fase foi o Intendente Diniz Martins Rangel, que administrou o município por 25 anos, sempre aliado ao PRP – Partido Republicano Riograndense – hegemônico no Rio Grande do Sul até 1930.

O comércio entre Taquara e Porto Alegre possuía uma via dupla. Exportava para a capital os produtos da agricultura e da manufatura, vindo a destacar-se no estado na produção de feijão preto, farinha de mandioca, bebidas, batata inglesa, alfafa, milho e lentilha e importava os gêneros necessários para a população como sal, enlatados, café em grão, tecidos e confecções, artigos de perfumaria e bazar, etc.. Através desse comércio, é certo que ocorreu um desenvolvimento econômico para Taquara, que apareceu entre os municípios de maior crescimento de Receita entre os anos de 1912 e 1925. Entretanto mantinha ainda sua peculiaridade de produtor rural, aparecendo em 1920 entre os municípios de destacada produção agrícola no Rio Grande do Sul.

O desenvolvimento comercial e agroindustrial de Taquara propiciou o surgimento de atividades culturais e sociais paralelas, com clubes, hospitais, bancos e autarquias. A maioria dos prédios residenciais, comerciais e de autarquias públicas estabeleceu-se nas ruas Tristão Monteiro, Júlio de Castilhos e Dr. Edmundo Saft, consolidando, assim, o centro da cidade. Esse espaço veio a tornar-se a externalização da memória coletiva da sociedade que aqui se desenvolveu e testemunhou a pujança da economia do período. Em sequência ao contexto histórico, nosso trabalho discorre sobre o patrimônio arquitetônico desse espaço.

Justificativa e relevância

RUAS TRISTÃO MONTEIRO, JÚLIO DE CASTILHOS E DR. EDMUNDO SAFT – 1900 - 1940

Quando da colonização de Taquara por colonos imigrantes de descendentes de alemães, já havia sido elaborada uma planta para o assentamento dos colonos. Os lotes seguiram, de certa forma, os antigos caminhos da Fazenda que interligavam Taquara com Cima da Serra (São Francisco de Paula), através da Estrada Geral para Cima da Serra, e com a cidade de São Leopoldo, através da via fluvial do rio dos Sinos.

A entrada para a localidade ocorria pela Estrada Geral. Essa estrada vinha desde a altura da atual RS 239, estendendo-se pela Rua Júlio de Castilhos e prolongando-se pela Rua Dr. Edmundo Saft, nesta altura indo ao encontro da RS 020. A Rua Júlio de Castilhos teve inicialmente, por isso, a denominação de Estrada Geral. À medida que a colonização assentava-se nesse espaço, iniciou-se, justamente na Estrada Geral, um incipiente comércio. Como essa estrada era caminho obrigatório dos moradores e viajantes, os estabelecimentos comerciais logo prosperaram.

Em 1874, foi inaugurada a Igreja Evangélica de Taquara na Estrada Geral. Com o passar dos anos, a via ficou conhecida por Rua da Igreja. No início do século XX, a rua era popularmente conhecida como a Rua do Comércio, pois apresentava um grande movimento devido às casas comerciais. Também foi nesse período que ali surgiram os estabelecimentos bancários e o Clube Comercial, consolidando o caráter comercial da rua e da cidade e caracterizando a sociedade urbana e seus valores. Nesse período, também já estava estabelecida uma outra rua que veio a se tornar importante no contexto urbano: a Rua Tristão Monteiro.

A partir de 1903, com a instalação da estação férrea na Rua Tristão Monteiro, essa via consolidou-se como um elo de ligação com as localidades de Parobé e Igrejinha, importantes fornecedores de produtos agrícolas. As grandes casas comerciais, depósitos e atacados ali se fixaram ao longo das duas primeiras décadas do século XX. Surgiram também as residências, agências e órgãos da administração pública.

A esquina da Rua Tristão Monteiro com a Rua Ernesto Alves, no início dos anos vinte, era um ponto de referência para quem chegava de fora da cidade. Ali se estabeleceu uma hospedaria denominada de Hotel Jaeger, uma casa comercial e um prédio que abrigava residência e comércio, formando uma movimentada esquina.

A Prefeitura também localiza-se na Rua Tristão Monteiro. A instalação, no ano de 1908, privilegiou um dos mais interessantes pontos da cidade na convergência com a Rua Júlio de Castilhos. Em frente ao prédio da Prefeitura, estendia-se a bifurcação das ruas Tristão Monteiro e Julio de Castilhos, formando o “Largo da Prefeitura”, que, em seguida, constituiu-se na Praça Central, denominada de Praça Marechal Deodoro. Nessa época, a Estrada Geral passou a ser denominada de Rua Júlio de Castilhos, em homenagem ao estadista republicano.

O espaço no entorno da Praça Deodoro da Fonseca tornou-se o centro da cidade. As referências eram a Prefeitura, a Casa de Comércio de José Júlio Müller, conhecida atualmente como a Casa Vidal, e a Casa de Comércio Ebling & Fleck, instalada em 1917. Em seguida, 1920, agregou-se a esse espaço a Joalheria Laube.

Na década de 1940, a extensão da Rua Júlio de Castilhos além da Rua Tristão Monteiro foi denominada de Rua Dr. Edmundo Saft. Essa denominação foi muito adequada, pois, em tal local, surgiram as primeiras casas de saúde.

As ruas Tristão Monteiro, Julio de Castilhos e Dr. Edmundo Saft formam o “espaço-testemunha” do desenvolvimento urbano e econômico de Taquara em suas diversas fases e em níveis. Tal espaço está dotado de



Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Justificativa e relevância

permanências de intenso significado para a história da região que são emblemáticos na constituição da identidade da sociedade local. Também é um legado para as futuras gerações como reconhecimento dos valores da geração que edificou a base do local de vivência e convivência de que dispomos atualmente.

IDENTIFICAÇÃO DOS OBJETIVOS

Geral:

Preservar a memória e a história da cidade de Taquara e da comunidade taquarense, em especial nos anos de 1900 a 1940 do século XX período no qual percebemos um grande desenvolvimento econômico na cidade;

Específicos:

- Possibilitar que o patrimônio reconhecidamente identificado como pertencendo ao período das décadas de 1900 a 1940 do século XX, seja apropriado materialmente por diversos grupos, dando usos distintos ao patrimônio e sua inserção na memória local da cidade de Taquara e suas relações com os municípios da região e até mesmo de outras localidades.

- Identificar os prédios de valor histórico, que possuem valor relevante para a história e memória da cidade de Taquara.

- Contextualizar historicamente os respectivos prédios (construção) no âmbito político, econômico e social no que concerne o conhecimento das relações sociais existentes na cidade entre décadas de 1920 e 1930 do século passado.

- Contextualizar historicamente os aspectos sociais dos prédios.

- Identificar os prédios como objetos/documentos testemunhos de um tempo.

- Consultar e envolver a comunidade através da comunicação verbal e identificação de objetos testemunhos.

- Valorizar as testemunhas vivas através de relatos orais

- Valorizar os objetos, utensílios, artefatos e construções de nossa história.

- Ampliar a noção de preservação possibilitando que o patrimônio seja apropriado materialmente por diversos grupos, dando usos distintos ao patrimônio.

Justificativa e relevância

- Trabalhar com os vínculos entre patrimônio histórico e memória
- Entender o patrimônio como possuidor de uma diversidade de sentidos possibilitando múltiplas falas e experiências que não pertence a um grupo exclusivo, mas ao conjunto da sociedade.
- Identificar as ruas onde estão localizados os prédios históricos da área urbana do município de Taquara.
- Identificar prédios representativos na história do município de Taquara, construídos até 1940;
- Contextualizar historicamente as ruas e os prédios identificados.

Antigo Mercado JG

Denominação: Antigo Mercado JG
Endereço: Rua Tristão Monteiro, nº 973
Meio Urbano

Proprietários: 1º não informado.
2º José Gonçalves das Neves e
Therezinha das Neves (a partir de 1955).
3º Supermercado Muller.

Data da construção: início do século XX

Uso atual (2009): desocupado/ aguardando aluguel

Estado de conservação: muito bom

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

Data do levantamento: Segundo semestre de 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer
Jefferson L. Z. Dias
Douglas Santos Dias

Fonte: Observação direta. José Gonçalves das Neves
in: Raízes de Taquara; vol. I. 2008.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo Faccat – História 2009

Descrição: prédio de alvenaria, com telhado de zinco. Aberturas frontais, com cinco portas estilo cortina de metal, que substituíram as originais feitas em madeira. Quatro das cinco portas estão acima do nível da calçada, feitas provavelmente para facilitar o carregamento de mercadorias. Quatro janelas com estrutura de madeira e vidro estão acima das portas e uma outra janela está atualmente com grades na sua abertura.

Histórico: O prédio foi construído no início do século XX para uma função comercial aproveitando o movimento da estrada geral – Tristão Monteiro – que se ligava com outras localidades da região. Servia de depósito para estocar mercadorias dos comerciantes de Taquara. A partir de 1903, com a instalação da estação férrea nas proximidades e a chegada do trem, passou a fazer parte de um complexo de atacados servindo também de depósito para outros atacados da cidade, pois na estação ferroviária de taquara ficava somente a mercadorias que eram distribuídas para outras regiões. Em 1955 o prédio foi adquirido pelo comerciante José Gonçalves das Neves que ali manteve um atacado e depósito. O empreendimento foi denominado de JG & Cia Ltda. Atendia a exportação e importação de produtos, beneficiamento de cereais e também vendas a varejo. O JG como era conhecido na cidade e região foi o negócio que mais marcou a ocupação do prédio, pois permaneceu durante 30 anos. Nos anos 1970 encerraram-se as atividades do atacado, depósito e beneficiamento de cereais e passou a atender a comunidade com o sistema de supermercado adaptando-se assim às novas exigências de mercado e de consumo.

Parcer Técnico: O prédio caracteriza a função da rua Tristão Monteiro como uma rua comercial para atacado. A referência ao Atacado JG está na memória da comunidade taquarense e remete ao um período de prosperidade econômica em função da instalação da estação férrea. Além disto a arquitetura remete ao período da colonização alemã.

Casa Comercial Dienstmann

Denominação: Casa Comercial Dienstmann

Endereço: Rua Tristão Monteiro, nº

Meio Urbano

Proprietários: 1º Carlos Huff Filho 2º Theobaldo Dienstmann, 3º Germano Miller e Ida Dienstman e atual Alexandre Muller.

Data da construção: Início da década de 20

Uso atual (2009): Desocupada

Estado de conservação: Regular

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: a pé, moto, carro ônibus

Data do levantamento: Segundo semestre de 2008

Pesquisadoras: Dalva Reinheimer, Alex Jaurez Müller, Silvio Silmar Peters, Joice Caloni.

Fonte: Entrevista com Leda Huff Frietscher e Alexandre Miller para Alex Muller e Silvio Peters.

Observação direta.

Descrição: Sobrado com influencia da arquitetura dos imigrantes italianos, embora na área de colonização alemã. No primeiro piso encontram-se duas portas de madeira e uma janela. Tanto as portas como a janela, são adornadas por estuque na parte superior. O segundo piso possui duas janelas com vidros externos e tampão de madeira interno e na sacada do tipo balcão se encontra a porta também de vidro externo e madeira na parte interna. O destaque está no acesso ao segundo piso do sobrado. Apresenta “dois leões” postados no portão e uma escada em curva. Estes elementos dão suntuosidade ao prédio.



Fonte: Acervo Faccat – História 2008



Fonte: Museu Histórico Adelmo Trott. Vista da Rua Tristão Monteiro. Década de 1950. O sobrado “dois leões” à direita.

Casa Comercial Dienstmann

Histórico: O prédio da Casa Dienstmann foi construído para ser casa comercial pelo senhor Carlos Huff Filho por volta do início da década de 20. A casa comercial vendia tecidos e demais artigos para costura. Logo o senhor Carlos vendeu a casa para um cunhado e foi ser caixeiro viajante.

A casa, ainda na década de 20, passou para as mãos de Theobaldo Dienstmann, natural de Canela que adquiriu o sobrado conhecido como “A casa dos Leões”, estabelecendo ali um comércio de tecidos e aviamentos no piso inferior. A parte superior da casa era utilizada como moradia. O Sr. Theobaldo permaneceu morando no sobrado até por volta de 1955, quando construiu uma nova casa na mesma rua.

A Casa Dienstmann permaneceu durante 84 anos voltada para atividades comerciais sempre de propriedade da mesma família. A filha de Theobaldo, Ida Dienstman e o marido Germano Miller deram continuidade ao negócio. Anos mais tarde em 1953, o neto Hugo Erni Miller, filho do casal Ida e Germano Miller passou também a ser sócio do estabelecimento. Em 1985, o bisneto de Theobaldo Dienstmann, Alexandre Miller também passou a trabalhar no comércio da antiga casa. Em 1988, este passou também a trabalhar com mel e derivados de abelhas, no mesmo prédio, permanecendo com ambas as atividades comerciais, do setor de tecidos e também do comércio de mel até 31 de Janeiro de 2006. Atualmente (2009) a casa encontra-se desocupada e está a venda.

Parecer Técnico: O prédio conhecido como o sobrado dos “dois leões” é peculiar na arquitetura da região justamente pela presença das estatuetas no portão de entrada. Historicamente a Casa Comercial Dienstmann se caracterizou como a mais antiga da cidade, tendo ainda a peculiaridade de permanecer com a mesma família. O prédio testemunha o período das lojas de tecidos e armarinhos. Permanece como lugar de memória da coletividade.



Fonte: Acervo Faccat – Curso de História – 2009. Na parede lateral as marcas do antigo anexo que incendiou.

Casa Comercial Neubarth

Denominação: Casa Comercial Neubarth

Endereço: Rua Tristao Monteiro, nº 1733
Meio Urbano

Proprietários: 1º Jacob Grün 2º Herdeiros de Grün 3º
Roberto Armando Neubarth (atual)

Data da construção: Início do século XX

Uso atual (2009): Residencial

Estado de conservação: Muito bom

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

Data do levantamento: segundo semestre de 2006

Pesquisadoras: Dalva Reinheimer

Jefferson Zuch

Alex Juarez Muller

Fonte: entrevista com Roberto Armando Neubarth e
família para Alex Juarez Muller, e observação direta.

Descrição: Conjunto de dois prédios. Em alvenaria, fachada simples e assimétrica, estilo neo-colonial. Portas duas folhas em madeira. Janelas duas folhas em madeira com vidraça externa com pingadeira. Cobertura em duas águas, estruturada em madeira, beiral (platibanda) ornado com estuque, telhas de barro.



Fonte: Acervo Faccat - História - 2009



Fonte: Museu Histórico Adelino Trott. Vista da Década de 1920



Fonte: Acervo Faccat-História - 2009

Casa Comercial Neubarth

Histórico: A Casa Comercial Neubarth situa-se ao lado da antiga estação ferroviária na cidade de Taquara, na rua Tristão Monteiro.

O estabelecimento foi construído possivelmente por Jacob Grün no início do século XX, e vendido por seu filho a Roberto Armando Neubarth em 1953, este proprietário até hoje. Na época da compra da casa pelo senhor Armando esta se encontrava fechada há algum tempo.

A casa funcionava como armazém, moradia para os proprietários da venda e depósito de mercadorias. O armazém funcionava de frente para a estação de trem esquina com a rua Tristão Monteiro. Ao seu interior ainda se encontram armários grandes cobrindo as paredes, típicos de venda, onde era depositada a mercadoria a ser vendida.

A moradia ficava de frente para a rua Tristão Monteiro, ao lado do armazém, conciliando casa e trabalho no mesmo prédio.

O depósito de mercadorias ficava atrás do armazém, fazendo fundos com a plataforma do trem. No depósito eram armazenadas as mercadorias que vinham do interior do município e ficavam a espera do trem para serem escoadas. Nos depósitos também eram armazenadas as mercadorias que vinham pelo trem. Esta parte da casa não existe atualmente.

Roberto Armando Neubarth trabalhou por cerca de cinco décadas como comerciante. Neste prédio criou seus 5 filhos e filhas juntamente com sua esposa Adélia Robinson Neubarth.

A casa se tornou na década de 50 armazém e miudezas com a compra do estabelecimento pelo senhor Armando. A Casa Comercial funcionou até meados da década de 90 tendo suas atividades encerradas neste prédio, passando assim a funcionar tempos depois em frente à antiga Casa Vidal já com a direção de seu filho Roberto.

Parecer Técnico: O prédio tem relevância histórica, pois está ligado a um período de prosperidade econômica de Taquara, ou seja; a presença da estação férrea e as atividades ligadas ao transporte ferroviário na região. Os depósitos eram uma referência de Taquara para uma vasta região até meados da década de 1960.



Fonte Acervo Faccat – Curso de História – Vista do interior do depósito – década de 1960. Família Neubarth

Casa Ebling e Fleck

Denominação: Casa Ebling e Fleck
Endereço: Rua Tristão Monteiro, nº
Meio Urbano

Proprietários: Albino Ebling e Erta Ebling. 2ª família
e os sócios família Fleck. e Alípio Ebling. Atualmente
pertence a Jair Andrade Lemos e Juarez Andrade
Lemos

Data da construção: 1908

Uso atual (2009): Repartição da Prefeitura

Estado de conservação: Bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: A pé, moto, carro, ônibus, bicicleta.

Data do levantamento: Segundo semestre de 2006

Pesquisadores: Dalva Reinheimer, Alex Juarez
Muller e Silvio Peters

Fonte: Leda Huff Frietscher (Filha de Carlos Huff
Filho); Alexandre Muller, entrevista para Silvio Peters
e Alex Muller

Descrição: Prédio de alvenaria. Platibanda com
estruque. Cobertura com telhas de barro, quatro águas
a vista. O prédio sofreu interferência com a remoção
da porta frontal e das janelas. As originais, de madeira,
foram substituídas por vitrines. Conserva a mesma
volumetria.



Fonte: Faccat – Curso de História - 2009



Fonte: Acervo Faccat – Curso de História - 2006



Fonte: Anuário Evangélico de Taquara - 1922

Casa Ebling e Fleck

Histórico: A provável inauguração da Casa Ebling & Fleck data de 1909. É uma construção de inspiração clássica, com frente para a rua Tristão Monteiro e ladeado pela rua Júlio de Castilhos.

Foi construído pelo seu primeiro proprietário o senhor Albino Ebling. Este comércio permaneceu no mercado por um período muito longo, foi um dos principais de Taquara. Era um empório e atacado, local onde eram comercializados artigos vindos de diversas regiões. Intermediava as mercadorias vindas de Porto Alegre e São Leopoldo com as regiões interioranas, inclusive São Francisco de Paula e o litoral.

Ao lado da casa havia um terreno largo, aonde os *serranos* que vinham de São Francisco de Paula, acampavam suas tropas de mulas. Estes traziam queijos, lã, cabelo cavalar. Produtos que eram comercializados na Ebling & Fleck. Traziam também mel, banha para vender em Taquara, sendo que ao mesmo tempo levavam o que precisava para as suas necessidades, como, por exemplo, tecidos, sal querosene etc. A clientela da Ebling & Fleck também vinha de Padilha, Rio da Ilha, Santo Antônio.

O repasse destas mercadorias, a exemplo do que se registra sobre o desenvolvimento do comércio de colonização alemã, eram enviadas pelo trem para Porto Alegre, onde eles tinham vendedores.

A Casa Ebling e Fleck sediou um verdadeiro entreposto de compra e venda de mercadorias, contribuindo de forma considerável para o desenvolvimento comercial de Taquara.

Em 1968 a Casa foi comprada pelos irmãos Jair e Juarez Andrade de Lemos, a qual permanece ainda como proprietária. O prédio sediou um mercado e posteriormente uma casa de jogos. Atualmente (2009) abriga uma repartição da Prefeitura.

Parecer Técnico: Importante prédio histórico pela participação econômica no desenvolvimento de Taquara e integração regional. Possui uma arquitetura clássica que se destaca no centro da cidade. Forma conjunto com a prefeitura, a praça, a Casa Vidal e a Joalheria Laube. A interferência ocorrida com a retirada das aberturas originais prejudicou a estética do prédio.

Casa Laube

Denominação: Casa Laube

Endereço: Rua Tristao Monteiro, nº 1448
Meio Urbano

Proprietários: 1º Thusnelda Miller 2º Sibyla Miller e
Kurt Laube 3º Ethel Ingeborg Laube Matzenauer e
Carla Laube (atual)

Data da construção: Década de 1920 (térreo) 1931
- parte de cima

Uso atual (2009): Residencial e comercial - joalheria

Estado de conservação: muito bom

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

Data do levantamento: Segundo semestre de 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer

Jefferson L. Z. Dias

Caroline dos Santos

Fonte: entrevista com Ingeborg Laube para Caroline
dos Santos, MHMAT e observação direta.

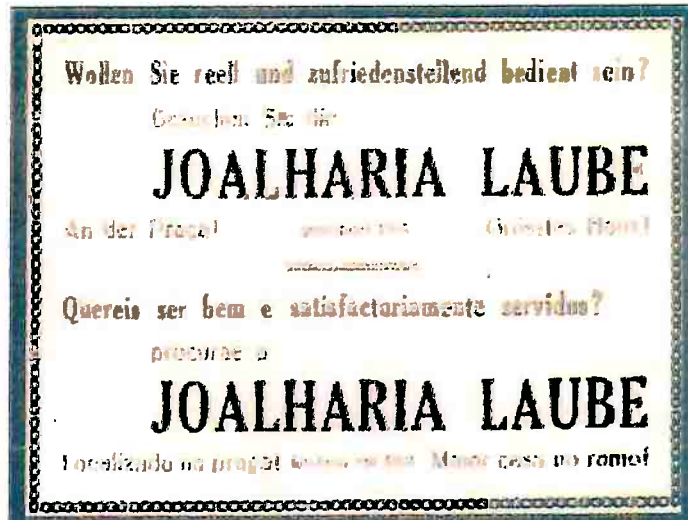
Descrição: Sobrado em alvenaria, fachada simples e
assimétrica, estilo neo-colonial. Parte de cima: Porta e
janela em madeira venezianada. Sacada, tipo
camarote com detalhes vazados. Cobertura em quatro
águas, beiral em estuque deixando o telhado à vista.
Fachada detalhada em estuque e telhas de barro.
Térreo: Janelas e porta com grade de ferro e persianas
evidenciando interferência nas aberturas originais.
Inscrição do nome: Joalheria Laube.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo Família Laube. Vista da década de 1920



Fonte: Almanaque Comemorativo 50 anos do Clube 5 de Maio/ Exemplar do
Acervo Faccat – História

Casa Laube

História: A Casa Laube em sua parte inferior foi construída possivelmente em meados da década de 20. Na parte superior existia apenas um terraço. Alguns anos mais tarde Sibyla Miller herdou esta casa de sua mãe Thusnelda Miller que era a proprietária até então.

Em 1923 funcionava nesta casa a Alfaiataria Doeppre. Em 1925 Sibyla Miller casou-se com Kurt Laube. Quanto então passaram a utilizar a casa para o comércio de jóias, relógios e cristais em sua grande maioria importados da Alemanha, este comércio foi chamado de "Joalheria Laube".

Em 1930 Kurt Laube deu início a construção da parte superior da casa que caracterizaria o sobrado com uma torre, bem ao estilo alemão, já que este havia imigrado ao Brasil após a Primeira Guerra Mundial e cultivava hábitos que lembrassem a sua Pátria Natal. Oportunizando assim a construção desta conforme a arquitetura alemã. A família Laube passou então a viver no sobrado.

Em 1940 Kurt Laube faleceu, a esposa deu continuidade aos negócios auxiliada pela filha Ingeborg, ainda criança. Mais tarde esta deu continuidade aos negócios da família sempre na mesma casa, tomando conta dos negócios até 1991.

Foram feitas algumas modificações, mas a fachada ainda é a mesma. Hoje o comércio é voltado para bijuterias e artigos para presentes.

Parecer Técnico: Prédio histórico que pelo tipo de comércio que exercia, com artigos importados de luxo atendendo a uma classe social com poder econômico. Estes aspectos demonstram o desenvolvimento econômico que Taquara atingira na metade do século XX. Forma conjunto com a prefeitura, a praça, a Casa Vidal e a casa Ebling & Fleck. A interferência ocorrida com a retirada das aberturas originais prejudicou a estética do prédio.

Casa LF

Denominação: Casa comercial de venda de tecidos
Leopoldo Fritscher - LF

Endereço: Rua Tristão Monteiro, nº 2779
Meio Urbano

Proprietários: 1º Leopoldo Fritscher.

Data da construção: 1924

Uso atual (2009): comércio

Estado de conservação: Muito bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

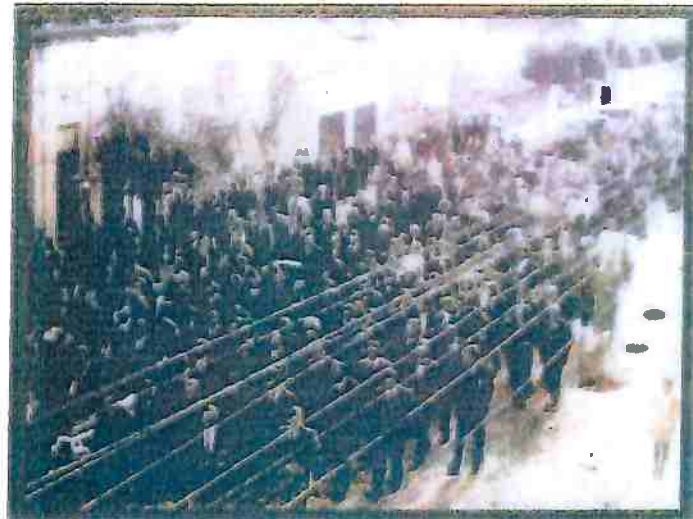
Data do levantamento: Segundo semestre de 2009

Pesquisadoras: Dalva Reinheimer
Joice S. Caloni

Fonte: Observação direta e entrevista com Liane
Muller para Joice Caloni e Carlos Trott para Dalva
Reinheimer.



Fonte: Faccat – Curso de História - 2009



Fonte: Acervo Museu Histórico Adelman Trott
Vista em frente ao prédio na década de 1940.

Descrição: Prédio em estilo eclético com vários elementos decorativos. Telhado de quatro águas a vista. Platibanda com detalhes em estuque e a inscrição da data da construção. Na porta frontal – flanco de esquina – há a inscrição LF, remetendo ao nome do primeiro dono. Apresenta 10 aberturas frontais sendo que quatro sofreram modificações. Foi sobreposto na parede um frontão indicativo de uma promotora de eventos nas últimas portas na rua Tristão Monteiro.

Casa LF

Histórico: O prédio foi construído por Leopoldo Fritscher que ali estabeleceu uma casa comercial para venda de tecidos. A loja permaneceu em atividade por décadas sendo reconhecida na comunidade. Atinou na época em que havia diversas costureiras na cidade e a oferta de tecidos era muito significativa. A proximidade da loja com a estação férrea facilitava o abastecimento de diversos tecidos e aviamentos, bem como a venda destes produtos. Na década de 1970 a loja foi fechada. A partir deste período surgiram diversas lojas de confecções. O prédio passou a ser residência da família Fritscher. Ali residiram a filha de Leopoldo, Alda Fritscher e a neta, Denise Fritscher. Na década de 1990 passou a funcionar no prédio uma casa de materiais elétricos, quando voltou a ter uma finalidade exclusivamente comercial. No ano de 2009 passou a sediar uma padaria e confeitaria.

Parecer Técnico: A casa, apesar de apresentar algumas modificações, faz parte de um interessante complexo de prédios com os quais forma o cruzamento da rua Ernesto Alves com a Tristão Monteiro. Logo em frente a casa situa-se a antiga Fábrica de bebidas *E. Hermann* (Atual Fruteira Boa Safra), no lado oposto se encontra o antigo *Hotel Jaeger* (Atual Pousada Côrrea) e a quarta casa é a antiga moradia da família Comasseto.

Casa Rosa

Denominação: Casa Rosa
Endereço: Rua Tristao Monteiro
Meio Urbano

Proprietários: 1º José Júlio Müller 2º João Comasseto
3º Cláudio Comasseto 4º

Data da construção: Aproximadamente 1925

Uso atual (2009): desocupada

Estado de conservação: ruim

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

Data do levantamento: segundo semestre de 2006

Pesquisadores: Dalva Reinheimer
Jefferson L. Z. Dias
Alex Juarez Muller, Joice
S. Caloni

Fonte: entrevista com Cláudio Comasseto, neto de
João Comasseto, para Alex Juarez Muller, e Joice S.
Caloni e observação direta.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo Faccat – História 2005

Descrição: Em alvenaria, fachada simples e
assimétrica, estilo neo-colonial. Portas duas folhas
em madeira. Janelas duas folhas venezianadas em
madeira com vidraça interna. Cobertura em quatro
águas, estruturada em madeira, beiral em estuque.
Atualmente se encontra destelhada.

Casa Rosa

Histórico: A casa "Rosa" que se situa na rua Tristão Monteiro esquina com a rua Ernesto Alves foi construída por volta do ano de 1925. A residência era propriedade do senhor José Júlio Müller (antigo proprietário da chamada "Casa Vidal") e foi vendida ao senhor João Comasseto. A casa, apesar de estar situada em uma rua comercial, era de uso exclusivo para moradia.

A casa fazia parte de uma porção de terras que o senhor João Comasseto possuía ao seu redor. As terras limitavam-se em parte com a rua Ernesto Alves e rua Tristão Monteiro, esta última indo até o prédio onde hoje existe um comércio de venda de autopeças para motos.

No entorno da casa existia um estabelecimento para o beneficiamento de madeira. A madeira vinha da região da serra e ali era qualificada, passando por um processo de separação onde era determinada a utilização. Depois de beneficiada, a madeira de melhor qualidade era destinada para construções de casas e a de segunda era para a fabricação de caixas para armazenar cebola e sabão. A madeira beneficiada era escoada através da ferrovia e em alguns casos através de caminhão. Ainda junto com a beneficiadora de madeira tinha um estabelecimento de fabricação de esquadria - portas e janelas.

O senhor João Comasseto, que nasceu no ano de 1893, viveu nesta casa até o ano de 1977 quando veio a falecer.

A Residência pertencia à família Comasseto. Ao lado da residência a família possuía uma construção que era o local de comércio. A casa foi registrada no Registro de Imóveis no ano de 1925.

Parecer Técnico: A casa, apesar de estar passando por modificações, faz parte de um interessante complexo de prédios com os quais forma o cruzamento da rua Ernesto Alves com a Tristão Monteiro. Logo em frente a casa situa-se o antigo *Hotel Jaeger* (Atual Pousada Córrea), antiga Fábrica de bebidas *E. Hermann* (Atual Fruteira Boa Safra) e antiga casa comercial de venda de tecidos *Leopoldo Fritcher*.

Casa Verde Rangel

Denominação: Casa verde Rangel
Endereço: Rua Tristao Monteiro, nº 1448
Meio Urbano

Proprietários: 1º não informado 2º Lauro Rangel
(1917) 2º Herdeiros de Lauro Rangel 3º Marilene
Heinz Steffen e Paulo Luis Steffen (atual)

Data da construção: início do século XX

Uso atual (2009): Residencial

Estado de conservação: muito bom

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

Data do levantamento: Segundo semestre de 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer
Jefferson L. Z. Dias
Caroline dos Santos

Fonte: Entrevista com Marilene H. Steffen para
Caroline dos Santos e observação direta.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo MFMAT- 2006

Descrição: Em alvenaria, fachada simples e
assimétrica, estilo neo-colonial. Porta em madeira.
Janelas duas folhas em madeira com vidraça externa
com pingadeira. Cobertura em quatro águas, beiral em
estruque e vazado deixando o telhado à vista. Presença
de três ânforas. Fachada detalhada em estruque e
telhas de barro.



Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Casa Verde Rangel

Histórico: Lauro Rangel comprou a casa em 1917, quando esta sofreu uma reforma geral. Passou a residir ali com a família. Deixou a propriedade para os seus três filhos. Mais tarde uma das filhas comprou a parte dos irmãos e deixou de herança para sua única filha, dona Marilene. Sempre serviu de residência, permanecendo com a família Rangel e seus descendentes desde 1917.

Casa Vidal

Denominação: Casa Vidal
Endereço: Rua Tristão Monteiro, n°
Meio Urbano

Proprietários: 1° Cel. Jorge Fleck (Intendente de Taquara em 1889) 2° Jose Julio Muller 3° Henrique Vidal Kohlrausch (Prefeito eleito de Taquara 1955-59) 3° e 4° não informado. Atualmente o prédio pertence a Prefeitura Municipal de Taquara

Data da construção: 1882
Uso atual (2009): desocupada
Estado de conservação: ruim

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo, carroça, a pé

Data do levantamento: Segundo semestre de 2009
Pesquisadoras: Dalva Reinheimer
Jefferson L. Z. Dias

Fonte: Biografia de Vidal Kohlrausch, texto datilografados MHMAT, observação direta

Descrição: Em alvenaria. Portas em madeira. Janelas em arco, duas folhas em madeira com vidraça externa com pingadeira. Beiral em estuque e vazado deixando o telhado à vista. Fachada detalhada em estuque, cobertura com telhas de barro. O prédio compreende duas partes formando um conjunto. Sótão utilizável. Interferência mutiladora nas aberturas frontais.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo Faccat – História 2006



Vista da cidade de Taquara – 1882. Ao fundo a “Casa Vidal”

Casa Vidal

Histórico: O prédio conhecido como Casa Vidal além de seu valor histórico é cercado de originalidade. Seus tijolos, conforme relatos, foram unidos com pé de conchas marinhas vindas de Nossa Senhora da Conceição do Arroio (atual Osório). Foi construída na Segunda metade do século XIX, no ano de 1882 pelo coronel Jorge Fleck que governou Taquara como Intendente, por um curto e perturbado período quando ocorreu a Proclamação da República.

Alguns anos mais tarde a referida casa comercial foi adquirida por José Júlio Muller, figura política taquarense. No estabelecimento eram comercializados tecidos e ferragens. Quanto ao nome do estabelecimento este levava o nome do proprietário, José Júlio Muller e Cia.

Henrique Vidal Kohlrausch foi balconista do comércio de José Júlio Muller, iniciando esta atividade em 1921, permanecendo nela até o início da década de 40, quando possivelmente adquiriu o comércio de seu antigo proprietário, assumindo o controle deste. A razão social foi mudada para Henrique Vidal Kohlrausch & Cia, a qual permaneceu até a época em que suas atividades foram encerradas, na década de 90. Em 1955 Henrique Vidal Kohlrausch foi eleito prefeito de Taquara cumprindo seu mandato até 1959. Também foi vereador eleito.

A casa é popularmente conhecida como “Casa Vidal” em função da grande importância que este comércio representou para a cidade de Taquara, permanecendo ativo por décadas.

Parecer Técnico: O prédio denominado Casa Vidal foi o segundo prédio de alvenaria construído em Taquara e é o único que permanece nos dias atuais, pois o primeiro foi a casa de Guilherme Lahn, que há muito foi demolida. A construção, embora tenha sido erigida no período de ocupação pelos imigrantes alemães, possui características coloniais evidenciando a influência dos políticos do período imperial na região – o coronelismo. A volumetria do casarão atesta a importância dos coronéis, pois naquele período as outras construções eram menores e de apenas um pavimento. A *Casa Vidal* é um marco histórico para a cidade de Taquara.

Marisa Confeitaria

Denominação: Marisa Confeitaria

Endereço: Rua Tristão Monteiro, nº 1916

Meio Urbano

Proprietários: 1º não informado 2º Aide Steimach (atual)

Data da construção: 1916

Uso atual (2009): Residencial/Comércio

Estado de conservação: bom

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo, carroça, a pé

Data do levantamento: Segundo semestre de 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer

Jefferson L. Z. Dias

Douglas Santos Dias

Fonte: observação direta. Entrevista com Aide Steimach para Douglas Santos Dias



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo Faccat 2006

Descrição: prédio de alvenaria, com influencia do estilo açoriano – do Rio Grande do Sul - com telhas de barro. Possui três aberturas frontais, duas são janelas basculantes que substituíram as originais que eram de madeira e provavelmente em tamanho menor. A terceira abertura é uma porta de metal que igualmente substituiu a original de madeira. Foi anexado à fachada do prédio um outdoor com a designação de Marisa Confeitaria.

Marisa Confeitaria

Histórico: Constam relatos que este imóvel seria uma extensão da estação férrea, que abrigava o alojamento de todos os responsáveis técnicos da linha férrea de Taquara. Eles ficavam ali aguardando instruções e ajudando quando necessário, pois o trem tinha que fazer toda uma manobra para depois chegar na estação.

Parecer Técnico: Apesar de descaracterizado o prédio tem relevância histórica ligado a um período de prosperidade econômica de Taquara, ou seja; a presença da estação férrea e as atividades ligadas ao transporte ferroviário na região.



Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Museu Histórico Adelmo Trott

Denominação: Museu Histórico Adelmo Trott
Endereço: Rua Tristão Monteiro, nº 1574
Meio Urbano

Proprietários: 1º proprietário Otto Renck e sua esposa Ida Renck. Outros não identificados

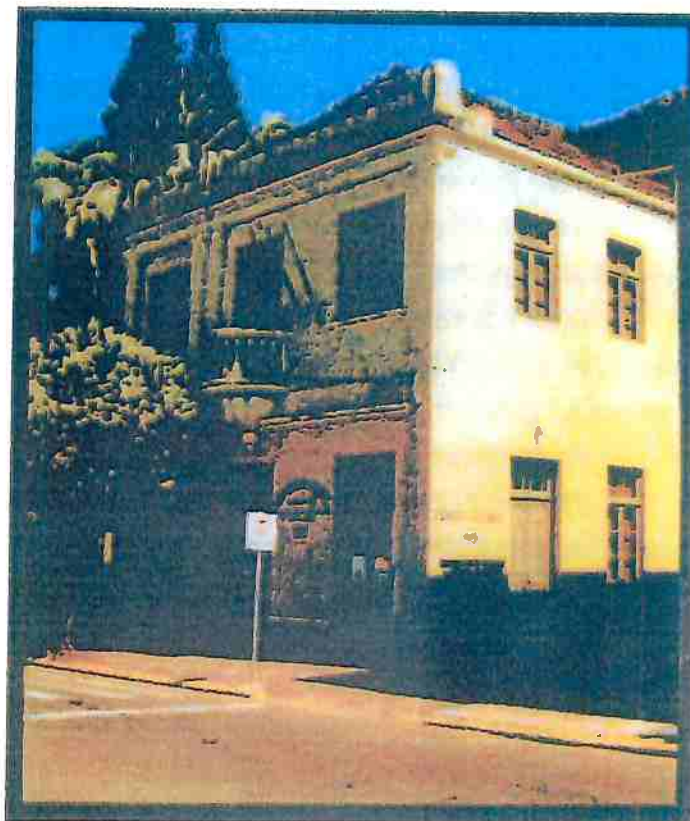
Data da construção: 1931

Uso atual (2009): Ocupado (Museu Histórico)

Estado de conservação: Bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: Apé, moto, carro, ônibus, bicicleta



Fonte: Acervo Faccat – História 2009

Data do levantamento: Segundo semestre de 2006

Pesquisadores: Dalva Reinheimer
Alex Juarez Muller
Sílvia Peters

Fonte: Observação direta. Entrevista com Antônio Felipe Scheffel para Alex Muller e Sílvia Peters. Weimer, Günther. 2005.

Descrição: Construção com arquitetura que se aproxima da linguagem dos imigrantes italianos. Sobrado com dois pavimentos. Janelas com vidros decorativos no andar superior e sacada do tipo balcão que abriga uma porta. No térreo possui três portas de madeira com vidros. Platibanda com telhado a vista. Cobertura com telhas de barro. Portas e janelas na lateral.



Fonte: Acervo Museu Histórico Adelmo Trott – Vista da fachada do prédio na década de 1930.

Histórico: O prédio da Casa Comercial Renck foi construído em 1931 por Otto Renck. O estabelecimento possuía comércio no térreo e moradia no segundo andar.

A esposa do senhor Otto Renck era a parteira Ida Renck, que fez o parto de inúmeras pessoas do município de Taquara, trabalhando até mesmo no Hospital de Caridade de Taquara.

Na casa funcionava a “Pharmacia Renck”, “Deposito Dentario Renck” e também por algum tempo o “Estúdio Fotográfico Julieta”, este último alguns anos depois passou a ter suas funções na casa ao lado.

Tanto a farmácia como depósito dentário, funcionavam no térreo, e o estúdio fotográfico uma parte no piso inferior e outra parte no segundo andar. Inicialmente o estúdio fotográfico de Alberto Lang era neste local, a conhecida “Foto Lang”.

Atualmente o prédio abriga o Museu Histórico Municipal Adelmo Trott e o Departamento de Cultura.

Parecer Técnico: O prédio remete ao período da prosperidade econômica e desenvolvimento social da cidade uma vez que se destinava a artigos de cuidados dentários e da saúde. A localização facilitava o acesso dos pacientes e clientes. O prédio forma conjunto com outros da Rua Tristão Monteiro.

Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Palácio Municipal Cel. Diniz Martins Rangel

Denominação: Palácio Municipal Cel. Diniz Martins Rangel

Endereço: Rua Tristão Monteiro, 1278
Meio Urbano

Proprietários: Prefeitura Municipal de Taquara

Data da construção: 1908

Uso atual (2009): Prédio Público- Prefeitura Municipal

Estado de conservação: Bom



Fonte: Acervo Faccat – História 2009

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: a pé, carro, moto, bicicleta, ônibus



Fonte Faccat – Curso de História - 2006

Data do levantamento: 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer

Jefferson Zuch

Alex Juarez Muller

Silvio Peters

Fonte: Museu Histórico Municipal Adelmo Trott. Weiner, Günter. In: Raízes Taquara. 2008.

Descrição: Estilo eclético, também chamado historicista, três pisos integrados, com amplo hall de entrada comum aos pavimentos. Aberturas – janelas – em madeira com vidros externos, sendo as do andar central em arco, assim como as centrais do terceiro andar. As demais são retangulares. Entrada principal com três vãos em madeira em arco. O prédio pode ser definido como palacete dentro do estilo historicista. Adornos em estuque.



Fonte Acervo Faccat – O Palácio por volta de 1910

Palácio Municipal Cel. Diniz Martins Rangel

Histórico: O prédio que abriga a Prefeitura Municipal de Taquara foi projetado pelo arquiteto militar Ildelfonso Fontoura e construída por João Catani, ambos de Porto Alegre. Em estilo eclético, apresenta três pisos integrados, sobre um porão plasticamente diferenciado. O térreo era destinado à cadeia, retomando a tradição colonial das “Casas de Câmara e Cadeia” e que já havia sido abandonado no período imperial.

A inauguração do Palácio Municipal Coronel Diniz Martins Rangel em 21/12/1908, marcou a elevação de Taquara à condição de cidade. Construído na gestão do Intendente Coronel Diniz, o imponente edifício localizado na Rua Tristão Monteiro, na área central da cidade, foi palco de importantes decisões políticas para o município.

Martins Rangel já havia sido presidente da Câmara de Vereadores na administração Sebastião Amoretti, que passou o cargo em 1900. Aliado político do governo castilhistas de Borges de Medeiros, o intendente taquarense foi um dos líderes do município mais prestigiado pelo povo, tendo conseguido importantes conquistas, como tirar do papel o projeto da ferrovia Novo Hamburgo – Taquara (inaugurada em 1903), a construção do palácio que leva seu nome e criação dos distritos de Mundo Novo (Três Coroas) em 1904, Parobé em 1908 e Gramado em 1913. Diniz Rangel se manteve no poder por 20 anos, sendo reeleito quatro vezes consecutivas. Faleceu em 1927.

Parecer Técnico: O mais significativo e suntuoso prédio histórico da região do Vale do Paranhana e das Hortênsias. Destaca-se pela arquitetura e volumetria. Historicamente é o mais significativo monumento do século XX. Atesta a importância política e econômica de Taquara – e à época a região que lhe pertencia – a qual concebeu como espaço administrativo um palácio. Símbolo do poder público, o palácio da Intendência concentrava todas as esferas administrativas e marcou definitivamente o urbanismo na região e seus padrões estéticos. A influência da política positivista também está presente no palácio, com suas linhas retas e austeras e sua presença imponente no coração da cidade, retratando, desta forma, os valores republicanos do Rio Grande do Sul desenvolvidos no período e que se prolongou por várias décadas.



Fonte Faccat – Curso de História - 2009



Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Sobrado 2399

Denominação: Sobrado 2399

Endereço: Rua Tristão Monteiro, nº 2399
Meio Urbano

Proprietários: 1º não informado; 2º Inaldo Ferri
(atual)

Data da construção: 1917

Uso atual (2009): moradia no pavimento superior
Comércio no andar térreo -
desocupado (2009)

Acesso: Rua asfaltada

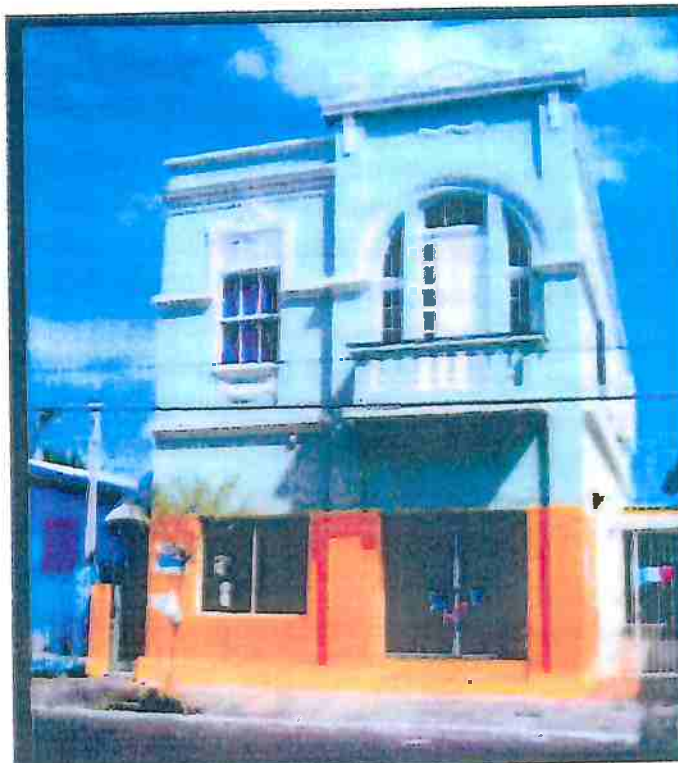
Tipo de acesso: a pé, carro, moto, bicicleta, ônibus

Data do levantamento: Segundo semestre de 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer
Jefferson L. Z. Dias
Douglas Santos Dias

Fonte: Observação direta. Entrevista com Inaldo Ferri
para Douglas Santos

Descrição: Prédio de alvenaria de dois andares sem comunicação interna. Telhado com telhas de barro. No andar térreo existem duas aberturas, uma porta de metal com vidros e uma janela estilo vitrine, que substituíram as originais que eram em madeira. No andar superior outras duas aberturas, uma janela e uma porta, ambas de madeira, a porta dá acesso para uma sacada. Intervenções posteriores perceptíveis. Do primeiro para o segundo andar existe uma escada, na qual foi acrescentado um toldo de lona, troca da porta e da janela do primeiro piso e alteração do espaço destas aberturas.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo Faccat – Curso de História - 2006



Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Vila Ernestina

Histórico: A casa, conhecida como "Vila Ernestina" foi residência do Prefeito Arnaldo da Costa Bard. A moradia foi construída durante o seu mandato (1920-1924) na administração do município de Taquara.

A casa possui em sua fachada os dizeres "Villa Ernestina". O Sr Arnaldo, dessa forma, homenageou sua esposa, a Senhora Ernestina Bard. O significado da palavra Villa, para a época significava grande, sinônimo de uma casa grande e bela. Possuía também no seu entorno jardim e pomar. No mandato de Bard foram realizadas importantes obras públicas como aberturas de estradas, a canalização de esgotos e a estação de tratamento de água. Muitas destas obras foram instaladas no Bairro Empresa. Bard foi também o idealizador daquele bairro. Como o prefeito tornou-se uma figura popular, muitas histórias cercam o seu nome. Há relatos de um fato curioso de que o cavalo do Sr Arnaldo todos os dias após ir a prefeitura levando o intendente, voltava sozinho até a Villa Ernestina. No final do expediente dona Ernestina mandava o animal em direção a intendência para buscar o intendente Arnaldo que esperava o transporte.

Parecer Técnico: A casa é um referencial na cidade tanto na história como pela arquitetura que apresenta. Testemunha o período das grandes e refinadas moradias na Rua Tristão Monteiro, quando as famílias mais abastadas procuravam dar uma "identidade" as suas residências.

Banco da Província

Denominação: Banco da Província
Endereço: Rua Júlio de Castilhos, nº
Meio Urbano

Proprietário: Câmara da Indústria, Comércio e
Serviços do Vale do Paranhana (CICS-VP)

Data da construção: 1918 – ano da inauguração

Uso atual (2009): CICS (VP)

Estado de conservação: Muito Bom (Prédio
tombado)

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: Apé, carro, moto, bicicleta, ônibus

Data do levantamento: Segundo semestre de 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer, Alex Juarez
Muller e Silvio Peters.

Fonte: entrevista com Fabiano Teixeira dos Santos
para Alex Muller e Silvio Peters.

Descrição: Sobrado da fase do historicismo – eclético
– duas portas e duas janelas frontais em cada
pavimento, sacada. Platibanda encobrindo o telhado,
com detalhes vazados. Adornos na parede frontal
(cabeças de carneiros, vasos com flores e elementos
abstratos). Sobre a platibanda aparece elemento do
positivismo: o telhado triangular, no centro a
aplicação de números - da data de inauguração do
prédio.



Fonte: Acervo Faccat – Curso de História - 2009



Vista do prédio CICS-VP em 1930 – Fonte Museu Histórico Adelmo Trott.

Banco da Província

Histórico: Inaugurado em 1918 para sediar a agência local do Banco da Província, o vultuoso prédio da Rua Júlio de Castilhos, no centro de Taquara, sedia atualmente a Câmara da Indústria, Comércio e Serviços do Vale do Paranhana (CICS-VP), antiga Associação Comercial e Industrial de Taquara (ACIT). Depois de ter sofrido risco de demolição, foi tombado em 1992 como Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Rio Grande do Sul e restaurado.

Parecer Técnico: Sua beleza retrata o período áureo vivido pelo município durante as primeiras décadas do século XX, quando a importância política econômica se refletiu na arquitetura da cidade.



Fonte: Terra, Gente e Fé. Faccat, 2005.



Fonte: Museu Histórico Adelmo Trott - 2005

Casa Comercial Francisco O. da Silva

Denominação: Casa Comercial Francisco O. da Silva

Endereço: Rua Júlio de Castilhos esquina com Rio Branco nº 1272
Meio Urbano

Proprietários: Francisco Oterário da Silva, João Werb, Emilia Ermel Werb, João Capovilla, atuais não informado.

Data da construção: 1922

Uso atual (2009): Loja de cosméticos

Estado de conservação: Bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: A pé, bicicleta, carro, moto, ônibus

Data do levantamento: 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer
Alex Juarez Muller
Joice Caloni

Fonte: Entrevista com Pastor Armindo Oscar Becker para Alex Juarez Muller. : koliver, Isete Maria. Taquara do Mundo Novo: suas ruas, suas casas, genealogia de sua gente. Cópia reprográfica. Acervo Curso de História – Faccat. Vista na década de 1940

Descrição: Sobrado em alvenaria. Térreo – 4 janelas e duas portas. Andar superior – 7 janelas, sendo duas no modelo basculante e cinco com cortinas do tipo persiana. Platibanda decorada com estuque que atualmente encobre o telhado. O prédio sofreu intervenções compatibilizadoras para o uso atual, especialmente nas aberturas. A fachada, contudo, mantém suas características originais. Sendo que a retirada da porta na sacada (balcão), que foi substituída por uma janela basculante prejudica a estética do sobrado.



Fonte: Acervo Faccat – Curso de História - 2009



Fonte: koliver, Isete Maria. Taquara do Mundo Novo: suas ruas, suas casas, genealogia de sua gente. Cópia reprográfica. Acervo Curso de História – Faccat. Vista na década de 1940.

Casa Comercial Francisco O. da Silva

Histórico: Este prédio foi construído pelo Sr. Francisco Oterário da Silva em 1922. Desde aquela década ocupa um dos principais quarteirões do centro da cidade. Como era costume nas construções abrigava o estabelecimento comercial e a moradia da família.

Inicialmente a construção serviu para um comércio de vendas de ferragens, miudezas, tintas, vidros, utensílios de cozinha e materiais para instalação elétrica e hidráulica. Logo depois, em 1932, passou a ser sede do Banco Popular do Rio Grande do Sul, o qual não durou por muito tempo vindo a falir na mesma década. Na década de 1950 o prédio foi ampliado na extensão da Rua Rio Branco. O Sr. João Werb comprou o prédio (em 1932) estabelecendo no local uma loja de roupas masculinas (representante das Lojas Renner). Quando da partilha da família Werb, a propriedade passou para Emilia Ernel Werb. Em 1975 o Sr. José Capovilla comprou o imóvel. No prédio atualmente está instalada uma casa comercial de venda de cosméticos.



Fonte: Acervo Faccat – Curso de História - 2009

Farmácia Galeno

Denominação: Farmácia Galeno

Endereço: Rua Júlio de Castilhos nº 2779

Meio Urbano

Proprietários: Família Heinforth (primeiros proprietários do prédio); Armindo Dienstmann e Aníbaldo Renck (primeiros proprietários da farmácia) Darcy Ruben Trott (sócio da farmácia); Marco Antônio Dienstmann e Daniel Trott (atuais proprietários da farmácia).

Data da construção: 1930 (aproximadamente)

Uso atual (2009) Farmácia

Estado de conservação: Muito bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: A pé, bicicleta, carro, moto, ônibus

Data do levantamento: 2009

Pesquisadoras: Dalva Reinheimer, Joice Caloni, Alex Juarez Müller e Silvio Peters

Fonte: Depoimentos de Darcy Trott e Leda Huff Frietscher, entrevista para Alex Muller. Registros no Museu Histórico Adelmo Trott . Weimer, Günther. In: Raízes de Taquara, 2008.



Fonte: Acervo Faccat – Curso de História - 2009



Fonte: Acervo Faccat – Curso de História - 2009

Descrição: Prédio com fachada sofisticada de linguagem barroca. Vários elementos decorativos na fachada. Platibanda prolongada escondendo o telhado. Possui uma abertura de sótão. Aplicações de estuque em toda a frente encimando as quatro portas frontais. As intervenções nas portas – com cortinas de metal – tentam conciliar com o uso contemporâneo.

Farmácia Galeno

Histórico: O atual prédio da Farmácia Galeno pertencia a família Heinforth, tendo estabelecido no local comércio de venda de utensílios para costura. As proprietárias da casa comercial eram todas desta família, e além de venderem os artigos para costura trabalhavam como modistas junto ao prédio.

O estabelecimento foi construído por volta de 1930, não se sabe a data precisa. A partir de 1940 se estabeleceu no local a Farmácia Galeno. O prédio, inicialmente, foi alugado da família Heinforth por algum tempo. A farmácia era propriedade de Armindo Dienstmann e Aníbaldo Renck, os quais compraram o prédio após um tempo de pagamentos de aluguel.

A farmácia tinha como funcionário o senhor Darcy Ruben Trott, primo irmão de Armindo. O funcionário virou sócio adquirindo a parte de Aníbaldo Renck. Logo seu Armindo faleceu e seu filho assumiu a parte da sociedade. O filho de Armindo foi sócio de Darcy. Após o falecimento do senhor Darcy, a farmácia passou a pertencer a Marco Antônio Dienstmann e Daniel Trott.

Parecer Técnico: O prédio está diretamente relacionado a farmácia Galeno, um dos estabelecimentos mais tradicionais da cidade. A farmácia Galeno atende praticamente desde o mesmo período em que foram instaladas as casas de saúde em Taquara. Além da referência histórica o prédio se destaca pela sua arquitetura sofisticada. Forma um interessante conjunto com os prédios da CICS-VP, Clube Comercial e outros no entorno.



Fonte: Koliver: Isele Maria. Taquara do Mundo Novo, suas ruas, suas casas, genealogia de sua Gente. Cópia reprográfica. O terceiro prédio à esquerda: Farmácia Galeno. Vista da década de 1950.

Hotel Taquara

Denominação: Hotel Taquara

Endereço: Rua Júlio de Castilhos, nº 2710

Meio Urbano

Proprietários: Unidasul atacadista

Data da construção: Década de 1920

Uso atual (2009): Supermercado

Estado de conservação: Somente fachada

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo, carroça, apê

Data do levantamento: 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer, Alex Juarez Muller e Silvio Peters

Fonte: Entrevista com Leda Huff Frietscher para Alex Muller e Silvio Peters.

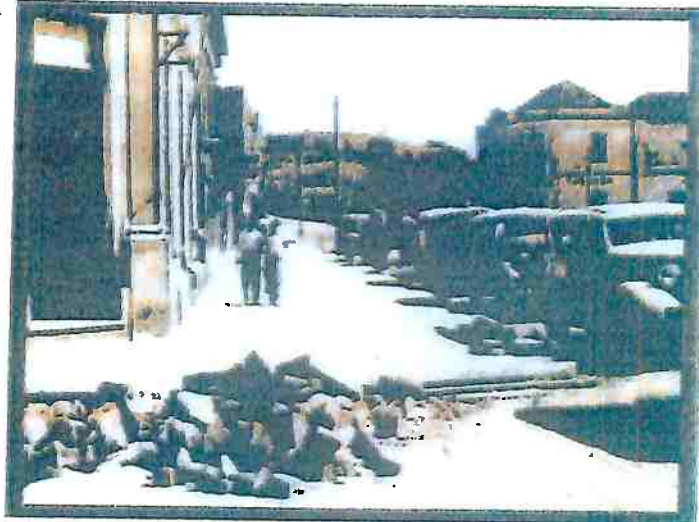
- Koliver, Maria Isete. Taquara do Mundo Novo: suas ruas, suas casas e genealogias de sua gente. Cópia reprográfica.

Observação direta.

Descrição: Pavimento superior: Com as características originais. Uma janela de madeira veneziana no lado da Rua Rio Branco. Sacada no flanco, com porta com quadriculado em vidro externo. Na frente pela Rua Júlio de Castilhos possui 5 janelas. Três com sacada. Platibanda que atualmente encobre o telhado. O primeiro piso foi descaracterizado, bem como a parte dos fundos que correspondia ao salão com restaurante.



Fonte: Acervo Faccat - História - 2009



Fonte Acervo Museu Histórico Adalmo Troll. Cruzamento das Ruas Júlio de Castilhos com Guilherme Lahm década de 1940. Ao fundo, lado direito, o Grande Hotel Taquara.

Hotel Taquara

Histórico: O Grande Hotel Taquara foi adquirido em 1921 pelo senhor Ernesto Julio Rangel. O prédio, então *uma casa com três portas e duas janelas*, foi destruído em um incêndio, sendo construído um novo, que permanece como parte da fachada até hoje na frente do supermercado.

Após alguns anos (década de 30) o hotel foi sablocado por Jerge Henrique Francisco Dreher e Bertoldo Steyer. Posteriormente foi vendido ao senhor Emilio Dauber, que ali trabalhou por algum tempo e depois constituiu uma casa de venda de bilhetes de loterias em frente ao hotel. Durante sua permanência o Hotel passou a se chamar Hotel Dauber. O senhor Dauber arrendou o hotel para o senhor Pizzati com o qual retornou a denominação de Hotel Taquara.

O hotel possuía no térreo uma recepção com entrada interna para ao segundo andar, onde ficavam os quartos. Junto à recepção existia um café e atrás havia um salão onde funcionava o restaurante.

O Grande Hotel Taquara era uma referência em termos de hospedagem para a região. Localizado bem no coração da cidade atendia aos comerciantes que vinham para a cidade a negócios e mesmo visitantes que se deslocavam para passeios e frequentar os bailes da Sociedade 5 de Maio e do Clube Comercial.

Nos anos 1960 o hotel entrou em decadência passando por uma série de proprietários. Nos anos 1970 a 1980 o primeiro pavimento abrigou uma loja de rede nacional de tecidos e confecções. Na parte dos fundos havia um bar. O segundo pavimento servia de depósito. Recentemente todo o primeiro pavimento foi modificado para a instalação de um supermercado – loja e estacionamento –.

Parecer Técnico: O prédio simboliza uma época de elegância e prosperidade na cidade de Taquara. Testemunha a presença de uma sociedade que se caracterizou pelo urbanismo e seus valores. Forma conjunto com o prédio da CICS-VP, o prédio onde se localizava a Casa Comercial de Francisco O. da Silva, localizado bem em frente ao supermercado.

Igreja Evangélica da Paz

Denominação: Igreja Evangélica da Paz

Endereço: Júlio de Castilhos

Meio Urbano

Proprietários: Igreja Evangélica de Confissão
Luterana no Brasil

Data da construção: 1935

Uso atual (2009): templo religioso

Estado de conservação: Muito bom

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

Data do levantamento: segundo semestre de 2006

Pesquisadores: Dalva Reinheimer

Jefferson L. Z. Dias

Alex Juarez Muller, Joice

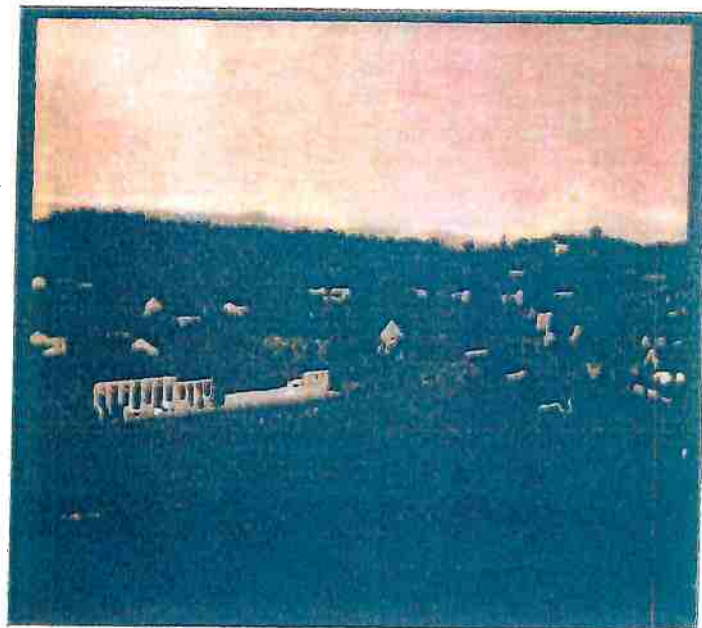
S. Caloni

Fonte: Fonte: Fonte: Folheto comemorativo "75 anos
Igreja da Paz 1874-1949 – Comunidade Evangélica de
taquara."

Weimar, Günter. In: Raízes de Taquara. 2008.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte Acervo Museu Histórico Adelmo Trott – Vista da antiga Igreja Evangélica na Rua Júlio de Castilhos por volta de 1925.

Igreja Evangélica da Paz

Histórico: A primeira igreja evangélica foi inaugurada em 18/10/1874, porém sem a torre e os sinos, pois segundo a historiografia os colonos alemães luteranos não podiam possuir esses adereços nas suas igrejas, por motivos de não aceitação de outra religião sem ser a católica.

Os registros da Comunidade Evangélica Taquarense datam de 1868, mas a igreja passa a existir somente em 1874.

A torre e os sinos foram inaugurados em 11/11/1888. Já no ano de 1935 a igreja velha foi demolida para a construção de uma nova, esta inaugurada em 08/09/1935, que vem a ser o templo atual. O relógio foi colocado em 1944. O prédio é de estilo neogótica. A planta foi desenvolvida pelo arquiteto Siegfried Bertholdo Costa, do município de Estrela.

O templo tem como nome Igreja da Paz, e seu estilo Neogótico lembra as altas igrejas e catedrais da Europa que remota do final da Idade Média. Segundo a tradição, quanto mais alta a torre, mais próximo de Deus.

A Igreja Evangélica da Paz foi tombada pelo município em 2001 através do decreto nº008/2001, assinado pelo prefeito da época Délcio Hugentobler.

Paróquia Senhor Bom Jesus

Denominação: Paróquia Senhor Bom Jesus

Endereço: Júlio de Castilhos

Meio Urbano

Proprietários: Igreja Católica

Data da construção: 1921

Uso atual (2009): Templo católico

Estado de conservação: Muito Bom

Acesso: rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo, carroça, a pé

Data do levantamento: segundo semestre de 2006

Pesquisadores: Dalva Reinheimer

Jefferson L. Z. Dias

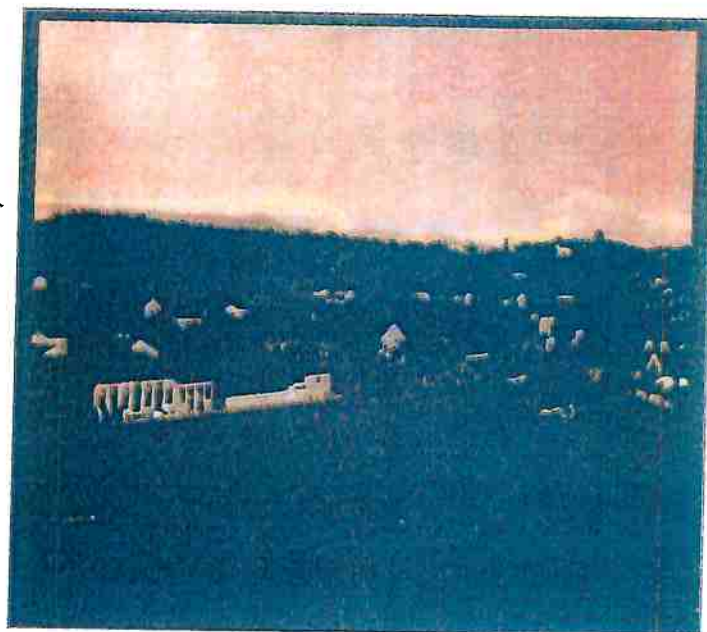
Alex Juarez Muller, Joice

S. Caloni

Fonte: Fonte: Folheto informativo da Igreja Católica de Taquara – “Paróquia senhor Bom Jesus – Taquara-RS – 1884-2006”. Kautzmann, Maria Eunice. In Raízes de Taquara. 2005.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte Acervo Museu Histórico Adelman Trotti – Vista da antiga Igreja Católica na Rua Júlio de Castilhos por volta de 1925.

Paróquia Senhor Bom Jesus

Histórico: A Igreja Católica de Taquara foi terminada em 1921 tendo por pároco responsável o Pe Afonso Neis. A paróquia, a qual faz parte a igreja, foi fundada em 22/01/1884, tendo seu primeiro pároco em 1889. Até então a paróquia principal situava-se em Santa Cristina do Pinhal, que na época era município e também administradora das terras que viriam a ser Taquara.

A igreja até o ano de 1879, segundo registros de atas, encontrava-se com as paredes pela metade. O ano de 1921 foi então a conclusão e inauguração oficial, quando as três torres foram concluídas. Naquele ano também foi colocada grade de ferro e muros no entorno da igreja. A igreja, assim, foi dada por concluída.

Sobre o padroeiro da paróquia a escolha tem-se que a Lei Provincial que criou a Freguesia de Taquara do Mundo Novo que indica o nome "Freguesia do Senhor Bom Jesus de Taquara do Mundo Novo". Seguiu a tradição da comunidade que já venerava uma imagem do Senhor Bom Jesus que havia sido oferecida por Tristão Monteiro desde a fundação da povoação.

Posteriormente o templo passou por várias reformas, sendo as mais relevantes as que ocorreram nos respectivos anos: 1963, 1983 e 2007.

Parecer Técnico: A construção da igreja junto com a fundação da paróquia possuiu importante papel de incentivo no processo emancipatório da localidade de Taquara, pois até então a única paróquia era a de Santa Cristina do Pinhal, e a fundação desta nova ordem mostrava a força e a importância da localidade que prosperava. O templo, no contexto histórico, representa um importante momento político da cidade.

Hospital Faiock

Denominação: Hospital Faiock

Endereço: Rua Edmundo Saft esquina com Venâncio Aires

Meio Urbano:

Proprietários: Íria Faiock

Data da construção: Final da década de 30

Uso atual (2009): Desocupado

Estado de conservação: Bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: Apé, bicicleta, carro, moto.

Data do levantamento: 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer

Fonte: Acervo Museu Histórico Adelmo Trott.
Entrevista com Zênia Heller para Dalva Reinheimer.
Observação direta.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo Faccat – História 2009

Descrição: Construção longitudinal de alvenaria. Dois pisos, sendo um o porão visível apenas na parte dos fundos do prédio. Cobertura com telhas de barro. Janelas em madeira, tipo veneziana. Porta principal em madeira. Linhas retas e fachada simples. Exemplar da chamada “arquitetura sem estilo” da corrente alemã “sachlichkeit”, eram prédios com objetividade para a função a qual se destinavam.

Hospital Faiock

Histórico: O prédio onde funcionava o Hospital Faiock foi inicialmente de propriedade do médico Bruno Schlatter, conhecido como doutor Schlatter. O médico, Arno Faiock possuía sua residência ao lado de onde hoje está o antigo prédio da casa de saúde desde a década de 1930. Nesta época adquiriu a casa de saúde do Dr. Schlatter e construiu o prédio para instalar um hospital. O doutor Arno Faiock e sua família vieram para Taquara através da comunidade adventista da qual faziam parte e tornou-se reconhecido em toda a região.

O hospital foi administrado pelo médico Faiock até o seu falecimento. Posteriormente a administração passou para seu irmão e depois foi alugado. Atualmente a edificação encontra-se desocupada.

Parecer Técnico: O Hospital Faiock, como é popularmente reconhecido o prédio, está localizado no mesmo bairro de outras duas casas de saúde. Remete a memória do período em que a cidade Taquara, pelo desenvolvimento econômico e social alcançado tornou-se uma referência no atendimento a saúde para toda a região. Conserva as características originais de construções da década de 1940.

Lar Oase

Denominação: Lar Oase
Endereço: Rua Dr. Edmundo Saft
Meio Urbano

Proprietários: Comunidade Evangélica de Taquara –
Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas.

Data da construção: Década de 1940

Uso atual (2009): Lar de idosos

Estado de conservação: Bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

Data do levantamento: 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer
Alex Juarez Muller
Joice Caloni

Fonte: Entrevista com Pastor Armindo Oscar Becker,
para Alex Muller. Entrevista com Zênia Heller e
Raquel Backes para Dalva Reinheimer. Koliver, Isete
Maria. Taquara do Mundo Novo: Suas ruas, suas casa,
genealogia de sua gente. Cópia reprográfica.

Descrição: Prédio de dois andares. Com duas partes
integradas. Na parte dos fundos está o prédio original,
que apresenta linhas arredondadas típicas dos anos
1940. As janelas são do tipo venezianas. Na parte da
frente o prédio é de linhas retas remetendo a uma fase
mais recente. Na lateral, a parede é revestida com
cerâmica vermelha.



Fonte: Acervo Faccat - História - 2009

Lar Oase

Histórico: Nas décadas de 1930 e 1940 a prosperidade econômica de Taquara caracterizou o urbanismo. Assim, houve a necessidade e a possibilidade de construção e constituição de Casas de Saúde. Até então o atendimento à saúde era bastante precário na região. Taquara veio a tornar-se também o pólo regional na saúde, recebendo diversos profissionais nestas décadas. O prédio onde está atualmente o Lar Oase, foi construído para ser uma casa de saúde. Sua construção foi executada por volta da década de 40, sendo de iniciativa e de propriedade do senhor Luiz Frederico Diefenbach, que não era médico, mas um prático em enfermagem. O senhor Luiz possuía uma pensão no terreno ao lado onde se estabeleceu a Casa de Saúde. Os médicos Lauro Hamp Müller e Luiz Carniel faziam atendimento no estabelecimento.

O hospital, que possuía o nome de Casa de Saúde Diefenbach, passou posteriormente a pertencer aos médicos Dr. Lauro Hamp Müller e Dr. Luiz Carniel. Mais tarde a Casa de Saúde passou a ter a administração da Irmandade Sagrada Família, e por esse motivo passou a se chamar "Hospital Sagrada Família". Neste período foi acrescentada a parte da frente da construção.

Por algum tempo o hospital ficou desativado por falta de recursos, e em 1972 a Comunidade Evangélica de Taquara adquiriu a edificação, instalando ali uma casa para receber idosos membros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O Lar OASE funciona até a atualidade.

Parecer Técnico: O prédio demonstra um período de avanço social advindo da prosperidade econômica. Ali funcionou um dos primeiros hospitais da região. O prédio apresenta as características originais na parte dos fundos. Na frente foi acrescentado um anexo que se integrou muito mais à memória do próprio Lar Oase do que ao antigo hospital. Contudo esta construção é parte da memória da comunidade.

Hospital de Caridade de Taquara

Denominação: Hospital de Caridade de Taquara

Endereço: Rua General Emílio Lúcio Esteves
Meio Urbano

Proprietários: Sociedade Hospitalar

Data da construção: Setembro de 1934

Uso atual (2009): Clínica médica – Casa de Saúde.

Estado de conservação: Bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: carro, ônibus, bicicleta, cavalo,
carroça, a pé

Data do levantamento: 2009

Pesquisadores: Dalva Reinheimer, Alex Juarez
Muller, Joice Caloni.

Fonte: Histórico da Sociedade Hospitalar Caridade de
Taquara. Observação direta.



Fonte: Acervo Faccat – História - 2009



Fonte: Acervo Faccat – História - 2009

Descrição: O prédio possuiu apenas um pavimento na parte frontal (fachada) e dois na parte dos fundos, devido a inclinação do terreno. A fachada assimétrica possui linhas arredondadas nos flancos. Janelas venezianas e portas de madeira. A entrada original, ainda presente, se destaca pelo detalhe da platibanda em forma de cume e a inscrição com o nome do hospital. A parte nova do prédio corresponde a um período posterior e apresenta características de construção divergente da original.



Fonte: Reinheimer, Dalva (org.) Terra, Gente e Fé, Faccat, 2005. Ato de inauguração do hospital em 1934 com a presença do então governador do RS General Flores da Cunha.

Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Hospital de Caridade de Taquara

Histórico: O Hospital de Caridade de Taquara tem como data oficial de fundação 13/02/1933. A casa hospitalar surgiu em necessidade de Taquara não possuir lugar adequado para atender os doentes e demais que precisavam de cirurgias. Até então os atendimentos eram improvisados nas casas dos médicos, farmácias e nas próprias residências dos pacientes. A hospedagem dos pacientes ocorria nos hotéis e pensões da cidade.

A primeira reunião para a decisão da construção do hospital foi em 20/05/1928, tendo como organizador o Dr. Adelino Eduardo Barth.

Em 1928, na primeira reunião, foi doado um terreno da prefeitura através do intendente da época para a construção do hospital. Em 1933 declarou-se que a área era imprópria para a aquele tipo de construção (não se sabe onde era o terreno). A nova área, onde está o hospital até hoje, foi doada por Felipe Werb Filho e Lothar de La Rue.

O prefeito Theobaldo Fleck conseguiu verba de 20 contos de réis junto ao estado para a construção da casa hospitalar.

O hospital foi inaugurado em 16 de setembro de 1934 na presença do então governador da época General Flores da Cunha. A presença ilustre chegou a cidade pela ferrovia, sendo muito festejado em cada estação que o trem parava.

O hospital de Caridade possuía diferentes alas. O térreo era onde ficavam os chamados indigentes. Nos fundos do hospital existia um pavimento especial para isolamento, que era local onde ficavam pacientes com doenças graves (Tuberculose, sífilis, tifo) e que a época, normalmente, não possuíam cura.

Na década de 40 aconteceu a inauguração da capela. A caixa d'água era utilizada para abastecimento da casa hospitalar e também de grande maioria dos moradores do entorno do estabelecimento.

Parecer Técnico: O prédio demonstra um período de avanço social advindo da prosperidade econômica. O Hospital de Caridade foi uma das primeiras casas de saúde da região dotado de infra-estrutura hospitalar. O prédio apresenta as características originais com acréscimo de uma nova construção. O Hospital de caridade é parte da memória da comunidade.

Denominação:

Endereço: Rua Guilherme Lahm esquina com a Rua
Federação nº 1568
Meio Urbano

Proprietários: Sociedade de Canto 5 de Maio

Data da construção: 1898 – primeira construção
1928 – Reconstrução

Uso atual (2009): Sociedade de lazer

Estado de conservação: Muito bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: a pé, carro, moto, bicicleta, ônibus

Data do levantamento: Segundo semestre de 2009

Pesquisadoras: Dalva Reinheimer
Joice Scheila Caloni

Fonte: Livro comemorativo “Cincoentenário da
Sociedade de Canto 5 de Maio – 1886-1936”. Livro
Terra, Gente e Fé. Faccat- 2005. Observação direta.

Descrição: Prédio com influencia da linguagem clássica. Construção assimétrica – dois prédios - com platibanda. Porta frontal-principal com duas folhas encimada por um arco onde se destaca a inscrição do ano da construção e o nome da sociedade. A platibanda também apresenta um arco com a alegoria da música – a harpa, representando a finalidade do prédio. Duas janelas no térreo e duas sobrepostas. Modificações acentuadas ocorreram no prédio secundário, com a substituição de três portas por uma janela. Retirada de uma cerca que havia na frente do prédio e de sacadas nas janelas do primeiro pavimento no prédio principal.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Livro comemorativo “Cincoentenário da Sociedade de Canto 5 de Maio – 1886-1936”. Acervo Sociedade 5 de Maio



Inventário do Patrimônio Histórico-Arquitetônico de Taquara

Sociedade 5 de maio

Histórico: A Sociedade 5 de Maio originou-se da Sociedade de Canto harmonia fundada em 1866. Esta sociedade inicial foi extinta em função da Guerra do Paraguai. Já em 5 de maio de 1886 surge a sociedade com os mesmos propósitos da anterior. O antigo nome era "Liga dos homens Allemaes – Deutscher Männerbund". A sociedade tinha como finalidade cantar canções hinos sacros em festas religiosas.

Inicialmente a sociedade funcionou na casa de seu João Antoni, sendo 12 de maio de 1886 a primeira hora de canto. No mesmo ano, novembro, alugou-se uma casa na rua Tristão Monteiro pertencente ao senhor Jorge Fleck.

No ano de 1887 acontece a compra de um terreno no valor de 100\$000. Já em 16/10/1898 acontece a fundação da pedra fundamental. Em 12/11/1899 é inaugurada a nova sede que custou 5:372\$400. No ano de 1912 constrói-se a casa do ecônomo e em 1917 a cancha de bolão.

No ano de 05/06/1909 vira sócio primeiro brasileiro luso, alterando-se o parágrafo que todos deveriam ser de origem alemã, mas mantendo o parágrafo que deveria dominar a língua alemã.

Em 28/10/1917, devido a Primeira Guerra, mudou-se o nome para Sociedade 5 de Maio, e alterou-se a língua oficial, não sendo mais o alemão e sim o português. Legalmente o nome passou a valer em 18/18/1923 (Sociedade de Canto 5 de Maio). Em 27/12/1922 foi proibida a hora do canto alemão.

Em 27/01/1929 foi lançada a pedra fundamental da sociedade atual. Em 5 de maio do mesmo ano acontece a inauguração, com o custo do prédio em 172:640\$000.

Por alguns anos o prédio da sede ficou em esquecimento, então por volta de 2001 ocorreu uma reforma. A nova reforma tirou alguns detalhes que não foi possível recuperar, como o terceiro andar que se situava na parte dos fundos.

Parecer técnico: Este prédio é um dos mais importantes para a memória da colonização e ocupação de Taquara pelos imigrantes e descendentes de alemães, remetendo a um aspecto cultural peculiar dos imigrantes; o canto coral. A sede para as reuniões e execução das apresentações caracteriza o urbanismo e a ascendência econômica e social dos "colonos alemães"

Escola Rodolfo Von Ihering

Denominação: Escola Rodolfo Von Ihering
Endereço: Rua General Frota
Meio Urbano

Proprietários: Estado do Rio Grande do Sul –
Secretaria de Estado de Educação

Data da construção: 1936

Uso atual (2009): Escola Rodolfo Von Ihering

Estado de conservação: Muito Bom

Acesso: Rua asfaltada

Tipo de acesso: Apé, bicicleta, carro, moto, ônibus

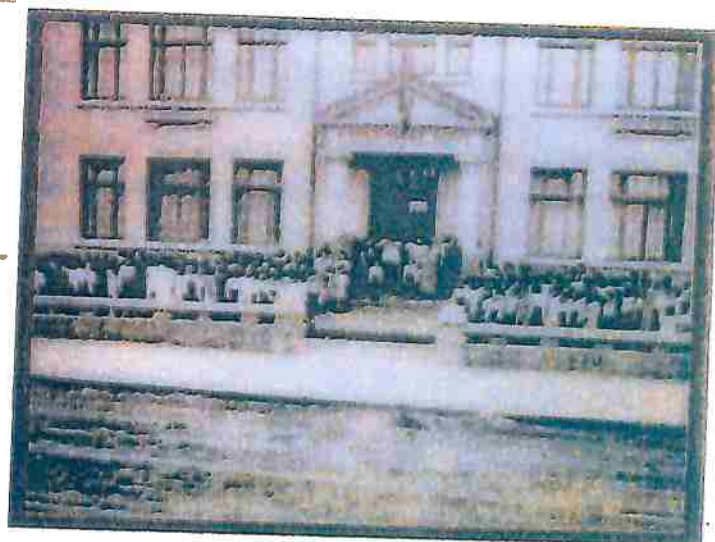
Data do levantamento: 2º Semestre de 2006

Pesquisadores: Dalva Reinheimer, Jefferson Zuch,
Alex Juarez Muller e Silvio Peters

Fonte: Histórico da Escola Estadual de Ensino
Fundamental Rodolfo Von Ihering.



Fonte: Acervo Faccat – História 2009



Fonte: Acervo Escola Rodolfo Von Ihering – década de 1940

Descrição: Prédio de dois andares. Fachada assimétrica. Destaque para a entrada principal com a presença de duas colunas romanas dando sustentação ao telhado que cobre a porta de entrada. Estes detalhes remetem a influência do positivismo na arquitetura do Rio Grande do Sul no período da construção do prédio. Na fachada há a inscrição com o nome da Escola.

Escola Rodolfo Von Ihering

Escola fundada em 19/06/1918 através do decreto do governador Antônio Augusto Borges de Medeiros e Protásio Alves, quando esses assinaram o decreto nº 2351, instituindo o grupo escolar Taquara.

A instalação da escola aconteceu em 30/04/1919, funcionando inicialmente na Rua Bento Gonçalves esquina Rua Pinheiro Machado.

A primeira diretora foi Amanda Haag. No mesmo ano (1919), Rodolfo Dietschi assumiu a direção ocupando o cargo até 1938.

Em 29/04/1921 a escola passou a categoria de Colégio Elementar. Já em 24/06/1929 houve a doação de um terreno por parte do município para a construção de um prédio. Em 08/06/1936 o engenheiro construtor João Batista Pianco entregou o prédio onde a escola funciona até hoje.

Pelo decreto nº 321 de 29/08/1941 a escola passou a se chamar Grupo Escolar Rodolfo Von Ihering.

A escola possuía em sua fachada de entrada escrita na língua latim o seguinte leiteiro: "*Labor Omnia Vincit – O trabalho tudo vence*", que foi retirado em 1941, pois entendiam os "Patriotas" da época, que se tratava algo escrito em língua alemã, e em função da Segunda Guerra e o Brasil se colocando contra a Alemanha, acreditava-se que nas áreas de colonização alemã poderiam existir pessoas aliadas aos que estavam do outro lado do Atlântico.

Já passaram pela escola diversas gerações taquarenses. A escola possui somente o ensino fundamental, sendo até hoje de caráter estadual.

Parecer Técnico: Uma das mais antigas escolas estaduais da região. O prédio não sofreu alterações significativas mantendo sua originalidade. A presença do imponente prédio abrigando uma escola estadual confirma a importância de Taquara no cenário estadual, tanto do ponto de vista econômico quanto político.